

Sábado, 3 de Maio de 1958

# ciência o ginários

RUBEM BRAGA

## MANIFESTOS

FUI há dias abordado por uma senhora, a quem prezo, e que me pediu para ler um documento que tinha na mão. Era um manifesto protestando junto ao governo por qualquer coisa. Perguntou se eu estava de acordo. Respondi que sim. Pediu-me que assinasse. Respondi que não.

Minha recusa foi, sem dúvida, bastante antipática — e eu vi isso perfeitamente nos olhos da desapontada senhora. Ela teve de tomar fôlego para insistir. Alegou que embora interessasse principalmente a um determinado partido político, aquele movimento, afinal, interessava a todos; e estava redigido de maneira a que qualquer democrata pudesse assinar sem constrangimento. Respondi que naquele caso como em muitos outros prefiro tomar atitude como jornalista; e quase sempre é pelo jornal que dou minha opinião, ou palpito, certo ou errado, sobre assuntos que me interessam.

Na verdade essa reacção contra os manifestos não é uma atitude minha. Houve um tempo no Rio em que um cidadão não andava três quarteirões sem ser convidado a assinar quatro ou cinco manifestos. E em casa ou no escritório ainda recebia, pelo telefone, pedido de licença para «botar o nome» num protesto ou num telegrama de congratulações qualquer. Era um inferno. A mania chegou a um tal ponto que houve cidadãos benevolentes e apressados, homens de muito boa vontade e muito pouca atenção, que chegaram a assinar dois ou três manifestos em sentido contrário. O que não é de estranhar, porque se o ato de colhêr a assinatura é rápido, o de redigir o texto desses documentos é lento e sutil, e há redatores chejos de manha que dizem tudo o que realmente querem dizer em duas ou três palavras perdidas no meio de uma porção de frases sonoras e sem importância.

Tudo isso resultou na desmoralização dos manifestos, que hoje só se justificam em casos realmente excepcionais.

Eu, por mim, enjoei. Posso passar por medroso, ou antipático ou sectário ou «espírito de porco» por não querer assinar uma coisa que (este argumento é muito usado) «todo mundo está assinando!». Mas a verdade é que já faço muitas imprudências assinando o que eu mesmo escrovo; imprudências e às vezes tolices...

Para mim, chega. E os outros que cuidem de si.

D.N. 9/2/49